

1 INTRODUÇÃO

O Brasil é uma mistura de culturas e etnias que se fundem na história e no folclore de seu povo. Entre elas está a influência da África trazida pelos escravos em navios negreiros e espalhada por todo o território nacional.

Falar de cultura brasileira é um misto de raiz, tradição e espiritualidade aliada a uma rica diversidade cultural existente, pois sua composição permeia por diversas matrizes européia, indígena, africana. Está última em especial vem carregada por diferenças em elementos simbólicos sendo nos rituais de dança, musicalidade, ritmo, cantos que compõem parte da resistência cultural negra que é refletida no âmbito social brasileiro.

Para a realização do artigo, foi escolhido como tema de estudo, uma manifestação de dança praticada pelos afros descendentes em solo nacional, denominada Batuque de Umbigada realizada em Capivari, cidade do interior paulista.

O batuque de umbigada é uma manifestação cultural africana trazida para o Brasil pelos escravos de origem banto.

Por meio de visitas, e depoimentos o artigo evidencia as relações de confronto entre o sujeito protagonista (batuqueiros) e agente opressor (a cidade), esta que por sua vez transforma a manifestação do batuque de umbigada num objeto excêntrico.

“O popular, o informal, sempre foram contraposta à alta cultura ou cultura de elite, sendo portanto, um local de tradições alternativas sendo esse o motivo pela qual a tradição dominante sempre suspeitou profundamente ao seu respeito” (HALL, 2003: p. 340).

O presente artigo tem como principal objetivo apresentar como essa manifestação cultural ainda sobrevive e se apresenta como símbolo da resistência negra, em meio a um contexto de opressão por parte da cidade que ao longo de sua história, deixou o batuque de umbigada com um grau de invisibilidade.

2 BATUQUE DE UMBIGADA

O processo de deslocamento das populações negras do campo para as cidades iniciado após a abolição trouxe muitas danças ancestrais para as periferias da região Sudeste. O “Batuque de umbigada” dança originária da África trazida ao Brasil pelos escravos nos navios negreiros na época de colonização e instalada na região do Médio Tietê (Tietê, Porto Feliz, Laranjal, Pereiras, Capivari, Botucatu, Piracicaba, Limeira, Rio Claro, São Pedro, Itu, Tatuí) é uma manifestação que vem sendo preservada e transmitida por gerações.

Dança que assemelha o movimento do corpo com o axé e a capoeira tem como principal função festejar a fertilidade. O Batuque de Umbigada, também chamado caiumba ou tambu, é uma dança trazida por negros bantos que trabalharam na cultura da cana e do café, em São Paulo.

Em Tietê, Piracicaba e Capivari estão os últimos grupos de batuqueiros, sexagenários que se reúnem algumas vezes durante o ano para tocar, cantar e dançar. “O batuque é uma manifestação em que, junto à batucada, há uma dança na qual um homem e uma mulher encostam seus umbigos como parte da coreografia”, diz Vanderlei Bastos representante dessa tradição cultural. Duas filas se defrontam, uma de mulheres e outra de homens. Perto dos dançadores estão os batuqueiros que soltam as modas, ou seja, cantam as músicas. Na dança são utilizados os seguintes instrumentos: o tambu, uma espécie de tambor feito de tronco oco de árvore; o quinjengue, um tambor mais agudo que faz a marcação rítmica do tambu e nele se apóia; as matracas, que são os paus que batem no tambu do lado oposto do couro e os guaiás, chocalhos de metal em forma de cones ligados.

Todos os instrumentos que levam couro, são afinados em uma fogueira, tornando mais mágico e característico o ritual. A fileira dos homens vai até a das mulheres cantando a moda para ensiná-las e após diversos galanteios, os homens vêm trocar umbigada com as mulheres, e aí o baile se inicia.

O movimento da umbigada é notado em danças cerimoniais de fertilidade e núpcias da região Congo-Angolana. Dentro da cultura banto existe a visão de que o umbigo é a nossa primeira boca e o ventre materno a primeira casa, a umbigada celebra o momento

único em que eles se tocam, um agradecimento ao dom da concepção, uma ação rápida e mágica, materializada através da dança, explica Bastos.

As modas, canções do batuque, consistem em uma crônica cantada da comunidade sua história passada e recente, seus valores morais, seu entorno social. Criadas no repente ou buscadas nas tradições, elas tecem comentários acerca de pessoas e fatos conhecidos pelo grupo, servindo-se de uma linguagem rica em metáforas:

*“Salve a princesa Isabel, Salve a princesa Isabel
Ai que beleza
Nego comia no coxo, nego comia no coxo
Agora come na mesa
Já acabou a escravidão, já acabou a escravidão
Ai que beleza
Nego comia no coxo, nego comia no coxo
Agora come na mesa
Trabaia eu não eu não, Trabaia eu não eu não
Trabaio não tenho nada, só tenho calo na mão
O meu patrão ficou rico, e nós fiquemo na mão”*

Muito freqüente é a temática do amor e do relacionamento conjugal. Outros assuntos são memórias do cativo, a resistência e crítica ao racismo e outras formas de opressão social e política e louvações. Nas louvações, as almas dos ancestrais revivem junto às entidades espirituais do panteão umbandista: amarram-se, assim, as pontas da história cultural e religiosa dessa gente afro-brasileira.

Alguns grupos preservam essa tradicional dança fazendo festas e eventos para trazer o povo para essas belíssimas demonstrações de cultura afro-descendente. As festanças mais comuns são as de datas fixas, como a do dia 13 de maio, a festa de São Benedito em Tietê, o sábado de Aleluia, ou em julho aniversário de Capivari.

O batuque de umbigada tem uma espiritualidade muito grande . Assim como outras manifestações populares presentes na cultura brasileira, é um exemplo vivo de que as festas populares e religiosas traduzem a cultura popular , a linguagem do povo , tudo que vem dele e de sua alma. Em cada parte do Brasil o batuque recebe algumas variações tornando cada vez mais característico esse estilo que deu origem ao tão famoso samba.

Essas celebrações reafirmam laços sociais e raízes que aproximam os homens, movimentam e resgatam lembranças e emoções.

3 UM POUCO DE CAPIVARI

Capivari que em tupi-guarani significa “Rio das Capivaras” fica situada a 136 Km da capital paulista, à beira da Rodovia do Açúcar. A cidade teve sua origem ligada à imigração de perseguidos políticos de Itu, por lutarem por independência do Brasil.

A região onde hoje está Capivari, recebeu seus primeiros visitantes no início do XVIII. Nesse período, um grande número de aventureiros passou por ela para abreviar o caminho até Cuiabá (Mato Grosso), em busca de ouro.

Por ser de difícil acesso, o lugar foi escolhido pelos governadores das Capitâneas Hereditárias para isolarem seus inimigos políticos. Longe dos centros urbanos, essas pessoas sentiram a necessidade de procurar uma maneira de se proteger dessas perseguições políticas. Para isso, passaram a montar acampamento às margens do “Rio das Capivaras” e assim, buscavam locais com bom clima, topografia e água favoráveis para a sobrevivência.

No final do século XVIII, um grupo desses ituanos em fuga encontrou um local com essas características e decidiu se estabelecer.

Assim começa a história da terra dos poetas.

Em 1785, instala-se a primeira venda às margens do rio, conhecida como “Venda do Chico”, pedido feito à Câmara de Itu. Outro fator que também atrai muitos moradores é a religiosidade.

No ano de 1790, o povoado aparece nos censos realizados por Itu com uma população flutuante. Na maioria, trabalhadores de empreiteiras que se mudam no final das obras. Já em 1818, registram-se os nomes dos moradores, descrições como número de escravos, quantidades e nomes de filhos.

Por Alvará de 10 de julho de 1832, é oficialmente denominada de Vila de São João Batista de Capivari de Baixo. Assim, tem início o desenvolvimento econômico em Capivari.

Predominam o açúcar, os cereais, o chá, o algodão e o café que contribuem para a proliferação das fazendas.

Em 1832:

- população branca: 838 homens e 724 mulheres
- população escrava : 464 homens e 163 mulheres (negros naturais do país)

- negros africanos: 1713 homens e 492 mulheres
- pardos: 15 homens e 11 mulheres
- negros libertos : 34 homens e 65 mulheres
- negros livres: 2 homens e 4 mulheres
- índios : 1 casal

Neste ano a população era de 4527 pessoas e 133 casas. Atualmente a cidade conta com aproximadamente 43.779 habitantes.

Há na cidade dois patrimônios históricos que são de grande importância , nem tanto pelo seu valor estimativo, mas um dentre inúmeros ícones que explicam qual o rumo tomado pelo batuque de umbigada e conseqüentemente a população de negra de Capivari nos dias atuais.

O primeiro monumento é o Prédio do Coleginho , ofertado a Capivari pelo Barão de Almeida Lima. A intenção desse colégio era ser usado na alfabetização dos escravos , porém devido a pressões políticas o projeto não chegou a ser executado e em 1958 acabou demolido. (ANEXO A)

O segundo é a Praça Dr. Cesário Motta. Protegido por grades de madeira, seu jardim era freqüentado apenas pelos filhos de grande representantes da sociedade capivariana (cafeicultores, políticos, fazendeiros) sendo a população negra proibida para transitar no local. (ANEXO B)

É nesse campo repleto de empecilhos, impasses, que o batuque de umbigada e os outros rituais negros se estabelecem :

“Tratava-se da cultura de uma população dominada e exilada. Ela teve de conviver, portanto, com as exigências de submissão e de obediência ao poder constituído, além das pressões de prestações de atos de verdade (que representavam o caminho de ascensão e de integração à sociedade global), cujos modelos estavam na religião (católica) dos dominantes. A originalidade negra consiste em ter vivido uma estrutura dupla, em ter jogado com as ambigüidades do poder e, assim, podido implantar instituições paralelas.” (SODRÉ, 2005: p. 99).

O batuque de umbigada é o momento onde o passado e presente se completam, através do som do ritmado do tambu, a marcação constante das matracas aliado a improvisação do quinjengue, sob o calor da fogueira e letras com um considerável tom de contestação homens e mulheres revivem esse ritual de matriz africana banto .

4 “BATUCANDO” CONCEITOS

O umbigo representa troca de energia, a primeira boca pela qual nos alimentamos no ventre materno, apesar de conotações errôneas e graves, que acabam limitando a dança em apenas um rito de imoralidade e sexualidade. Para contrariar esses conceitos redutores e depreciativos, Dona Anicide Toledo, matriarca do batuque de umbigada em Capivari, diz: *“Irmão não pode dar umbigada em irmão, compadre com comadre não pode dançar, é falta de respeito”*.

A umbigada assim como a cultura negra no geral é circular. Não segue e foge do sentido linear dos moldes de pensamento dominante:

“Nenhum discurso psicanalítico ou aparentado à metafísica pode dar conta da “verdade” do ritual negro (por melhor que seja a consciência dos psicólogos, dos antropólogos, dos sociólogos etc.), simplesmente porque neles não existem conteúdos latentes ou recalçados, não há nenhum ser, nenhuma palavra definitiva por trás” (SODRÉ, 2005: p.111) .

Em visita a casa de Dona Anicide houve um cuidadoso e total respeito ao fazer as perguntas, pois para entrar em um campo cultural aparentemente humilde e fascinante, é preciso ser aceito pela pessoa ou protagonista que o executa . Por isso é perceptível que em seu depoimento (isso se estende a outros batuqueiros em sua totalidade), é acompanhado por um clima de mutismo, percebe se certo tom de desconfiança. Isso se deve a fatores como: grupos que se apropriam da umbigada com a intenção e finalidade extremamente mercadológica, outros acadêmicos que analisam a cultura com um olhar excêntrico estabelecendo apenas uma relação momentânea (enquanto durar o tempo de estudo);

“Assim depois de o Ocidente, em seu processo de acumulação de capital, ter liquidado fisicamente a quase totalidade dos grupos humanos tradicionais, a ciência se empenha hoje em “salvar” o que resta .Essa salvação muda de forma de acordo com as estratégias e as tradições acadêmicas dos grandes centros mundiais de ciência: os norte-americanos enviam seus lingüistas e antropólogos para codificar e estocar em redes de informação as línguas e os costumes das tribos americanas em extinção: os europeus ficaram com o continente africano, cujas culturas tentam classificar e decifrar.” (SODRÉ, 2005: p.112)

A aceitação por parte dos batuqueiros ocorre desde que se tenha uma postura respeitosa e um verdadeiro e real interesse nos ensinamentos que são dispostos pelo grupo.

E por último a própria prefeitura de Capivari que não cumpriu com a palavra de organizar a celebração, tornando o batuque de umbigada uma manifestação cada vez mais invisível na cidade .

Marcelo, responsável pelo museu da cidade, desde pequeno freqüenta a casa e acompanha o trabalho de Dona Anicide cita: *“Antes eles faziam a celebração no clube Juventus. Tinha todo um ritual, eles faziam uma canja no final. O antigo secretário dava um apoio, mas agora (os batuqueiros), foram alvo de desvio”*

Dona Anicide de maneira crítica confirma: *“Todo ano tem, agora esse ano que trocou de prefeito acabou. Eu quero falar pra ele: só fica na promessa é?”*

O tom crítico de Dona Anicide se deve a questão da oralidade presente não só para os batuqueiros, mas na cultura brasileira em sua totalidade.

A oralidade tem um valor muito forte. O falar vem carregado pela semântica de responsabilidade e compromisso.

Em meio aos fatores históricos descritos no artigo aliado ao contexto opressor em que o batuque conviveu desde sempre em Capivari, as inevitáveis perguntas são: Por que essa cultura popular resiste? O batuque de umbigada pode acabar?

“O papel do “popular” na cultura popular é o de fixar a autenticidade das formas populares, enraizando-as nas experiências das comunidades das populares das quais elas retiram seu vigor e nos permitindo vê-las como expressão de uma vida social subalterna específica, que resiste a ser constantemente reformulada enquanto baixa e periférica” (HALL, 2003:p.341).

Dizer que essa cultura está entregue ao esquecimento, seria um tanto quanto pessimista, visto que há na cultura popular certa tendência a mobilização dos grupos, ou seja , constantemente ela é reinventada e transformada no seu espaço.

A umbigada assim como outros elementos da tradição negra no Brasil, sempre teve que conviver com a voracidade dos dominantes.

Meci, filho do falecido Acácio Brás um dos batuqueiros de Capivari, relata que foi criado no batuque, suas avós por parte de mãe eram batuqueiras e seu pai compositor das canções (modas).

Dona Anicide ao ser questionada sobre o que o batuque representa em sua vida:

“Pra mim , recorda a tristeza do passado e o sofrimento dos escravos. Primeiro Deus e Nossa Senhora, depois a umbigada. Tem gente que não quer mas Deus quer. Eu não faço mal pra ninguém. Tenho o coração limpo,

peço oração na igreja.Toda vez que eu abro a porta eu falo: Jesus vamo comigo, porque os outros querem fazer maldade”.

O que se percebe no batuque de umbigada de Capivari é que ela habita um terreno marcado por diversos processos (históricos, políticos, sociais) carregados de opressão, esta que reduz a celebração num simples objeto de prestígio algum, permitindo que a cidade se consolide favorável a total invisibilidade dessa manifestação popular negra.Porém ela ainda resiste:

*“Eu moro em Capivari, gosto muito da minha terra,
eu moro em Capivari, gosto muito da minha terra,
São João que me perdoe, do que eu vou falar aqui.
Precisa acabar o racismo, mas dentro de Capivari.”*

O batuque resiste e permanece vivo devido a uma forte oralidade, tradição e herança familiar, reforçado pelo papel protagonista pelo sujeito que o executa. A letra criada pela Dona Anicide é uma confirmação dessa resistência cultural.

Na concepção estrutural de cultura de Thompson, as formas simbólicas , isto é, ações, objetos e expressões significativas de vários tipos, dentro de um contexto e processos historicamente específicos e socialmente estruturados dentro dos quais e por meio dos quais, são produzidas, transmitidas e recebidas.

Mesmo diante do contexto opressor da cidade, os batuqueiros acabam criando lugar de ambiência , devido à autonomia e a missão que essas pessoas exercem, resignificando o espaço, transformando o batuque de umbigada como forma de resistência cultural e identidade afirmativa dos batuqueiros em Capivari.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se dizer que o batuque de umbigada transforma-se num símbolo muito além da sua resistência cultural, exerce a função construtiva de identidade e resistência negra em Capivari.

Em meio a ação opressora que reduz o batuque em objeto e sem qualquer grau visibilidade na cidade, nota-se que na cultura popular há sempre uma figura fundamental, como Dona Anicide, que exerce um papel de protagonista na preservação e transmissão dos saberes e ensinamentos que organizam a vida social no âmbito dessa manifestação cultural popular.

Após a observação, vivência e análise dos relatos, pode-se concluir que a permanência e resistência do batuque está inteiramente ligada a fatores tradicionais: transmissão por geração, herança familiar, ação protagonista dos batuqueiros que resignificam o espaço por eles ocupado. Elementos que garantem a preservação do batuque de umbigada em Capivari, aliados a identificação de ancestralidade africana, espiritualidade, respeito e total devoção.

O batuque de umbigada, como a cultura africana em sua totalidade, procura conservar suas raízes culturais, reflete o espírito de um povo e sempre será um dos símbolos de sobrevivência em nosso país.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ANTONIO, M.M.; CHITOLINA, N.; SAMPAIO, T.M.V.; *Relação das festas e danças de batuque de umbigada na perspectiva do lazer e religião*. São Paulo, 2008.
- CAPIVARI, Prefeitura. São Paulo. 2009. Disponível em: <http://www.capivari.sp.gov.br/dadosgerais>. Acesso em: 20 de agosto.2009.
- _____. *Guia Histórico e Cultural*. São Paulo. 2002
- HALL, S. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. 1º. ed. Minas Gerais. Editora UFMG, 2003.
- LOPES, J.; MORATO, K.; *Batuque de Umbigada*. São Paulo.2008. Disponível em: <http://www.defesadastradicoes.blogspot.com>. Acesso em: 17 de maio. 2009.
- NOGUEIRA, C. S. *Memória Familiar e Educação não-formal : Um olhar sobre a (re) construção de identidades*. São Paulo, 2009.
- SODRÉ, M. *A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil*. 3º. ed. Rio de Janeiro. Editora DP&A, 2005
- TOLEDO, A., *Entrevista com “Dona” Anicide*. São Paulo. 15 julho 2009.

ANEXO A



“Prédio do Coleginho , ofertado a Capivari pelo Barão de Almeida Lima”

ANEXO B



“Praça Dr. Cesário Motta”
Onde a população negra era proibida de transitar em seu jardim

ANEXO C



“Batuque”

ANEXO D



Dona Anicide de Toledo

RELATÓRIO

Seguem abaixo todo processo metodológico de pesquisa de campo que foram utilizadas para a construção do artigo. Optamos por transcrever as entrevistas na íntegra, da mesma maneira que foi concebida.

Dia	Evento
23/03	Definido o tema da pesquisa, iniciei meu trabalho de campo entrando em contato com a secretária de cultura de Capivari. Por telefone conversei com a atendente Adriana. Ela que passou o contato do Marcelo, funcionário da biblioteca municipal e amigo de Dona Anicide de Toledo.
25/03	Fui a Capivari a procura do Marcelo, que me apresentou o museu da cidade, contando um pouco da história, suas curiosidades. Após o almoço, fomos até a secretária da cultura para conversar com o secretário Rogério. Neste dia não foi possível a visita a casa de Dona Anicide, ela estava doente tinha consulta médica. Combinamos que eu voltaria na semana seguinte.
05/04	Nesse dia mais uma vez não tive a oportunidade de conhecer a matriarca do batuque da cidade, ela ainda estava doente. Mas viagem não foi perdida pois nesse dia conheci o Meci filho do falecido batuqueiro Acácio Braz. Passei a tarde conversando com o Meci e todo depoimento foi gravado.
14/04	Rosemeire, amiga do curso de gestão cultural, ao saber do tema do meu trabalho, propôs uma visita a Junior do Peruche, participante do batuque há algum tempo.
07/05	Fui até a casa do Junior do Peruche em São Paulo, onde passamos a dia todo conversando e ouvindo muitos batuques e sambas. Combinamos de fazer uma visita a Dona Anicide.
29/07	Por intermédio do Junior, entrei em contato com Vanderlei Bastos e Vandeco de Piracicaba. Fui até lá e participei de uma apresentação no bairro Santa Rosa. Além de documentar aquele momento através da câmera, dancei e toquei todos os instrumentos que acompanham a umbigada.
15/08	Conforme combinado, Junior e fomos até Capivari. Através Marcelo fui até a casa de Dona Anicide. Lá passei uma tarde agradável. No começo Dona Anicide não queria muita conversa, ficou desconfiada. Depois de um tempo ela fez uma oração, e cantou várias modas de batuque me entregou uma espécie de óleo pra tirar as coisas ruins. Disse pra eu voltar a visita-lá mais vezes.

Entrevista com Meci(Capivari)

Douglas: Voce dança desde pequeno, foi criado no batuque?

Meci: Fui criado. Minhas avós por parte da minha mãe era batuqueiras e compunha também, meu pai também era batuqueiro e compunha,. Era compositor das moda . Foi um dos cabeça da direção , foi presidente do pessoal da região aqui.

Douglas: Como era o nome do seu pai?

Meci: Meu se chamava Acácio Braz. Eu ouvia ele ali com o chocalhinho sentadinho e fazendo. Ele pegava muita música, muito samba e fazia em cima a moda de batuque.

Douglas: A população mais elitizada da cidade vê com bons olhos o batuque?

Meci: Tem uma minoria que aprecia. A maior parte não é muito de chegar. Tem alguns que chegam como quem não quer nada, gostam mas não assumem. Existe um certo preconceito. Uns 70% não é muito chegado. Uma parte gosta, a outra fica em cima do muro. Ele quer chegar mas fica preocupado com que os outros vão dizer. Apesar que mudou bastante, já foi mais complicado. Hoje o pessoal aprecia que dá uma força também.

Douglas : Tentaram proibir a festa , o ritual aqui?

Meci: Olha falar que proibiu eu nunca ouvi falar, porque sempre isso aí era feito num espaço do campo de futebol, eles fechavam uma área lá no antigo corinthinha há muito anos atrás eu era mulecão. Depois faziam no Cesoca e no Juventus também. Eram em três lugares. O pessoal sai com a caravana. Eu não cheguei a acompanhar, mas eles foram pra Cachueira Paulista, Piracicaba esses lugares aí.

Entrevista com a Dona Anicide Toledo e Marcelo

Douglas: Fui até a biblioteca e assisti um vídeo que mostrava a cidade,mas falava pouco do batuque

Anicide: Todo ano tem, agora esse ano que trocou de prefeito acabou. Eu quero falar pra ele: só fica na promessa é?

Douglas: Dona Anicide eu tenho uma enorme admiração pela senhora.

Anicide: Você parece o meu neto, altura e tudo!

Marcelo: Antes eles faziam a celebração no clube Juventus. Tinha todo um ritual, eles faziam uma canja no final. O antigo secretário dava um apoio, mas agora (os batuqueiros), foram alvo de desvio.

A nossa matriarca é a Dona Anicide.

Douglas: Dona Anicide gostaria que a senhora contasse um pouco da sua história na umbigada...

Anicide: Nós formava uma roda, via os batuqueiros mais véio, mas nunca dançava junto, sempre apartado. Aí quando eu fiquei mais mocinha, entrava na roda. Era na terra não tinha nada de barracão.

Douglas: Crianças não participavam de umbigada?

Anicide : Não, tudo apartado. Depois que crescia aí podia.E irmão não pode dar umbigada em irmão, compadre com comadre não pode dançar,é falta de respeito.

Douglas: O que o batuque representa na vida da senhora?

Anicide: Pra mim , recorda a tristeza do passado e o sofrimento dos escravos. Primeiro Deus e Nossa Senhora, depois a umbigada. Tem gente que não quer mas Deus quer.Eu não faço mal pra ninguém.Tenho o coração limpo, peço oração na igreja.Toda vez que eu abro a porta eu falo: Jesus vamo comigo, porque os outros querem fazer maldade.

O fio , é um prazer fazer essa reportagem.